

Pensar o presente

Luís Augusto Fischer*

UM

A criação artística é o terreno do imprevisto, como se sabe; a criação artística em seu presente, quando ela está sendo gestada e recebida pela primeira vez, é esse mesmo terreno em sua forma mais instável. Daí o mérito principal da edição 2007 do projeto Rumos Itaú Cultural Literatura, que definiu como âmbito empírico para a pesquisa a literatura brasileira produzida entre 1980 e agora: ao oferecer tal recorte temporal, obrigou os participantes a um exercício de inteligência que, na versão trivial, seria mera futurologia (e possivelmente inútil), mas que na versão sofisticada resulta em um depoimento de validade histórica inquestionável.

A trivialidade da futurologia: não são poucas as vezes em que o crítico, praticando seu *métier* no jornal ou na academia, se encontra convencido da validade e mesmo da superioridade de seu objeto no campo em que se inscreve e, por isso, tenta ultrapassar o limite do presente, renunciando para ele a eternidade, a superação das restrições do tempo, a inscrição no cânone. Futurologia: a tentativa de imaginar como vai ser a leitura no futuro, como vão funcionar os valores da recepção nas gerações futuras.

É exercício que tem seu cabimento, por certo, porque também no desejo se encontra parte da verdade de uma época, de uma língua, de uma cultura; mas é também um exercício que guarda algo de vicioso, senão mesmo de pernicioso, porque o crítico que a pratica opera segundo um dos mais problemáticos fundamentos da vanguarda – a sensação, a impressão, nalguns casos a certeza mesmo de carregar a chave do futuro consigo, e de por isso se julgar capaz de declarar, no presente (porque a crítica sempre opera no presente, mesmo quando alega o futuro), o resultado que terão no futuro as forças que o leitor vê atuarem em sua confusão e irresolução.

Mas há outro lado desse exercício de diagnóstico do presente, aquele que não se pretende futuroológico: trata-se daquele modelo de comportamento intelectual que é mais analítico do que interpretativo, que recolhe a lição da tradição para apreciar o elemento de agora, que tenta traçar o desenho das relações entre o objeto escolhido e aqueles que com ele interagem, em seu gênero formal, em sua família mental, em sua terra. Exercício de ver as forças em tensão, em desenvolvimento, antes do futuro, que talvez nem chegue.

DOIS

Entre os autores dos projetos selecionados nessa edição, tenho a ótima sensação de que não há futurólogos: ninguém está ocupado, pelo menos na fase inicial dos trabalhos (aquela que lemos e comentamos em grupo, em reuniões de ótima conversa e boa reflexão), em funcionar como advogado de defesa do autor, do tema, da questão que vai abordar. Não me lembro mesmo de qualquer traço dessa ordem, mesmo naqueles casos em que o proponente está visivelmente atuando como um postulante, isto é, como quem reivindica validade para seu objeto de estudo, prática que ocorre especialmente quando não se trata de matéria assente na tradição do debate crítico. (Exemplificando: quem vai estudar autores já mais ou menos consagrados, como Caio Fernando Abreu, Hilda Hilst, Milton Hatoum ou Luiz Ruffato, não precisa gastar seu latim na defesa da validade do objeto escolhido; mas quem se propõe a estudar a escrita dos blogs, o mercado da crítica ou Lourenço Mutarelli se vê na contingência de fazer tal esforço.)

Acresce que entre os trabalhos inscritos, em que por certo havia proposições relativamente banais (como sempre há em concursos massivos), houve uma saudável variedade temática, a mostrar o incomensurável labor dos cursos de graduação e pós-graduação na área de literatura em atuação no país. Os temas mais diretamente midiáticos dos tempos atuais, por exemplo aquela literatura que alguma vez foi designada com o termo “brutalismo”, também se fizeram notar e figuram entre os escolhidos em pelo menos dois projetos, ao lado de outros que atentam mais para méritos intrínsecos do que para a fama momentosa.

TRÊS

Duas observações de caráter restritivo me ocorrem. Uma: que, salvo engano, houve menos diversidade geográfica do que seria esperável e desejável, tanto entre os proponentes de pesquisa (ao menos entre aqueles que restaram para a rodada decisiva nas considerações do júri) quanto entre os autores e temas enfocados pelos projetos. Se há o romancista do Norte e o contista do Nordeste, apareceu pouco a

vivíssima literatura sulina. Falta de proposições? Pouco nexos entre a universidade dos estados do sul – ambiente de que provém a esmagadora maioria dos projetos, parece – e a literatura ali produzida?

Outra: permaneceu irresolvida a relação entre os campos da literatura e dos estudos literários, campo que é reconhecível a olho nu em qualquer parte, das revistas à academia, passando pelo mercado em si, e o campo problemático mas vivíssimo da canção. Sabe-se que na Universidade, no Brasil como em toda parte, o lugar dos estudos sobre a canção permanece meio misterioso: são raros os departamentos de música que acolhem a canção, por preferirem continuar sendo conservatórios tradicionais, formadores de musicistas, ou por terem escolhido permanecer apenas no âmbito da música de concerto (ou erudita, ou de orquestra, como se queira chamar); de outro lado, começam a acontecer mais organicamente estudos sobre a canção nos departamentos de letras, especialmente pelos trabalhos de Luiz Tatit e outros.

O certo é que a canção está passando a figurar com clareza maior e enraizamento crescente no território dos estudos literários, de pleno direito; mas entre os projetos concorrentes ao Rumos pouco apareceu, e quando apareceu não encontrou seu lugar. Não se está dizendo que houve negligência na avaliação, muito menos preconceito; mas é certo que a questão permanece aberta, tanto para figurar nas convocatórias quanto para constar como item relevante no repertório da avaliação.

* **Luís Augusto Fischer** é professor de literatura brasileira na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Publicou vários livros de contos, crônicas, ensaios e teoria literária, entre os quais *Mario Quintana: uma Vida para a Poesia*; *Um Passado pela Frente: Poesia Gaúcha Ontem e Hoje*; e *Dicionário de Porto-Alegre*.